



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**A SÍNDROME DE BURNOUT A PARTIR DA
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES**

AUTOR (A): CAROLINA TEXEIRA DAS DÔRES

Planaltina-DF
Novembro 2017



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**A SÍNDROME DE BURNOUT A PARTIR DA
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES**

AUTOR (A): CAROLINA TEXEIRA DAS DÔRES

**ORIENTADOR (A): CYNTHIA BISINOTO EVANGELISTA DE
OLIVEIRA**

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Banca Examinadora, como exigência parcial
para a obtenção de título de Licenciada do
Curso de Licenciatura em Ciências Naturais,
da Faculdade UnB Planaltina.*

Planaltina-DF
Novembro 2017

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos àqueles que acreditam que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Educação não transforma o mundo. Educação muda às pessoas. Pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire (1996)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ter me dado saúde e força para superar as minhas dificuldades, e foram muitas. Ele que permitiu que tudo isso fosse possível e que eu pudesse realizar meus sonhos.

À Universidade de Brasília, seu corpo docente, direção e administração e, de uma maneira geral, a todos que me acolheram tão bem.

A minha orientadora, Cynthia Bisinoto, pela disposição e empenho dedicado a mim para que fosse possível elaborar este trabalho, por me acalmar nos momentos de dificuldades, nos momentos em que achava que não seria possível realizá-lo.

A minha mãe, Anésia, por ter me dado a vida, pelos ensinamentos.

Aos meus familiares, pelo amor incondicional, incentivo e apoio durante esses anos de caminhada.

Ao meu namorado, Murilo Sérgio, pelo apoio e ajuda durante esses anos de formação, pois me mostrou que, mesmo com todas as dificuldades, seria possível.

Aos amigos feitos na universidade, pelo carinho, apoio e pelo convívio diário.

Não poderia deixar de agradecer às professoras Rosângela Terêncio e Vilma Viera por terem contribuído com meu aprendizado, oportunizando estágios durante meus anos de formação, foram momentos de muito aprendizado, momentos realmente enriquecedores.

E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

A SÍNDROME DE BURNOUT A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Carolina Texeira das Dôres¹

INTRODUÇÃO

O mal-estar docente é um tema muito atual e que cada vez mais vem afetando os professores, independente da área ou nível de atuação. É incontestável que, atualmente, uma grande quantidade de professores vivencia algum problema de saúde, seja físico e/ou psíquico. Isso pelo fato de que, ao longo da história o professor teve seu espaço de trabalho ameaçado e precarizado, o que acabou por gerar algumas consequências. Segundo estudo realizado pelo Ministério da Saúde,

práticas de intensificação do trabalho e /ou aumento da jornada de trabalho, com acúmulo de funções, maior exposição a fatores de riscos para a saúde, descumprimento de regulamentos de proteção a saúde e segurança, rebaixamento dos níveis salariais e aumento da instabilidade no emprego. Tal contexto está associado à deterioração das condições de saúde (BRASIL, 2001, p. 19).

Diante dessas mudanças a sala de aula perdeu seu foco, sua função socializadora, de troca de conhecimentos, de experiências entre mediador-professor e aluno-cidadão em formação. Novas atribuições, obrigações e responsabilidades foram dadas aos professores, o que tem afetado a sua produtividade, o exercício da função docente, bem como impactado tanto o processo de trabalho quanto a vida pessoal dos docentes. Nos dias atuais em que se vivencia tantas e rápidas mudanças, todos precisam se adaptar a novas realidades; os professores, entretanto, já estão sobrecarregados de responsabilidades e atividades. Além de formar e informar, lhe é atribuído educar, incutir valores éticos e morais para o exercício em sociedade, papel outrora atribuído à família.

O que se tem hoje, portanto, são professores com excesso de trabalho, excesso de alunos, excesso de responsabilidades, barulho, agressividade, ameaças, indisciplina, favorece o surgimento de psicopatologias. Conseqüentemente, os professores estão cada vez mais adoecidos. No Distrito Federal, por exemplo, os professores da rede pública de ensino apresentaram 29,3 mil atestados e licenças médicas em 2016 (ALCÂNTARA, 2017).

1 Licencianda do Curso de Ciências Naturais - Faculdade UnB Planaltina.

Há professores que tem uma carga horária excessiva, com sobrecarga de trabalho, que aliado a baixos salários os levam à greve, outro fator estressante e gerador de patologias físicas ou psicológicas relacionadas à atividade laboral. Todos estes fatos têm afetado a saúde os professores, sua vida pessoal e profissional. Consequentemente, vem afetando a sua ação em sala de aula, influenciando a qualidade da educação.

Nessa direção, Codo (1999) explica que quanto mais precarizado for o ambiente de trabalho, maior será a dificuldade do professor em partilhar o conhecimento, sendo que toda essa situação gera desconforto ao docente, que não vê saídas para melhorar o seu trabalho em sala de aula, o que, por sua vez, acaba por gerar desconfortos psíquicos naqueles que as vivenciam.

Segundo Weber (2009), turmas lotadas, escolas sucateadas, com graves problemas estruturais, violência e criminalidade dentro e próximo das escolas, tráfico de drogas, salários irrisórios, excessiva carga de trabalho, acumulação de obrigações e de exigências levam ao desenvolvimento do mal-estar docente e este por sua vez leva ao estresse e ao esgotamento que vai desencadear a síndrome de *burnout*.

Weber (2009) refere-se à síndrome de *burnout* como o desgaste, sentimento de debilidade, de perda de autocontrole, de abatimento e de desamparo sofrido pelo trabalhador. O *burnout* é uma resposta do organismo ao estresse, devido ao seu trabalho. Para Esteve (1999), as manifestações do mal-estar docente compreendem desde sintomas físicos como úlceras, insônias, tensão muscular, problemas de coluna, doenças cardiovasculares, afecções da laringe e pregas vocais a sintomas psicológicos, tais como ansiedade e depressão, até chegar a graves comprometimentos da saúde mental.

Segundo Codo (1999), sintomas deste sofrimento emocional podem ser observados a todo momento, seja através das dores de cabeça, dores nas costas perda de voz, cansaço, irritabilidade, dificuldade de estabelecer relações afetivas mais profundas, etc.

Diante do estresse laboral crônico o professor adoece, a sua atuação docente passa a ser prejudicada, começam os absenteísmos, o isolamento diante dos colegas de trabalho, sinais de agressividade para com os alunos. E, em casos extremos, o professor desiste da profissão, pois não consegue mais fazer aquilo que se propôs, inicialmente, que é compartilhar conhecimento, visando à aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos para que se tornem cidadãos conscientes de suas escolhas, autônomos e responsáveis. E

quando isso não acontece o professor se frustra, vem a angústia, o sofrimento, gera-se o *burnout*.

Diante da relevância da temática do *burnout* ou do mal-estar docente, o qual está associada à qualidade de vida do professor e também à qualidade da educação brasileira, a presente pesquisa pretende investigar as percepções de professores acerca das causas do mal-estar docente, segundo suas vivências e experiências.

REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho é muito importante na vida de todos os indivíduos. Com o desenvolvimento e avanço da sociedade, novas exigências e demandas recaem sobre o trabalhador, sendo que, com o passar dos anos, tais exigências vêm produzindo impactos negativos na vida deste trabalhador. No caso do trabalho docente, essa realidade não é diferente.

A docência passou por muitas mudanças, de forma que nos últimos anos, tem-se observado e dado maior importância aos impactos negativos do trabalho na saúde dos trabalhadores (BENEVIDES-PEREIRA, 2002), isso pelo fato de que as novas exigências e responsabilidades atribuídas aos professores têm desencadeando o que Esteve (1999) denominou como mal-estar docente.

Diante do exposto, percebemos que nem sempre o trabalho é fonte de prazer e satisfação para quem o executa, ele pode gerar estresse e poderá levar ao adoecimento do professor, entre eles, a síndrome de *burnout*, que é uma resposta do organismo ao estresse laboral crônico. Suas causas estão no desgaste diário ao qual os professores são submetidos, e ocorre principalmente entre trabalhadores que lidam diretamente com os usuários de seus serviços, como é o caso dos professores. Codo (1999) acrescenta que as atividades que exigem um maior envolvimento afetivo, como aquelas que estão diretamente relacionadas com o cuidado, como é o caso da atividade docente, são mais propícias ao desenvolvimento do *burnout*.

O interesse sobre a síndrome de burnout surgiu há mais de trinta anos, sendo caracterizado como um esgotamento tanto físico quanto mental, o que pode mostrar que a síndrome de *burnout* está muito além do estresse, pois é uma resposta do organismo ao estresse laboral crônico. Por acometer tantos profissionais e profissões é importante que conheçamos as suas características, sintomas e tratamento.

O primeiro autor a estudar o *burnout* foi Herbert J. Freudenberger, que já alertava a comunidade científica sobre os problemas relacionados ao trabalho, fenômeno como um sentimento de fracasso e exaustão causado por um excessivo desgaste de energia e recursos.

O *burnout* pode ter níveis diferentes, pois está ligado às características individuais e contextuais. Assim, o desenvolvimento da síndrome vai depender de fatores como: sobrecarga de trabalho, trabalho por turnos ou noturnos, idade, idealismo em relação à profissão, péssimas condições de trabalho, a dupla jornada, relacionamento conflituoso com colegas de trabalho.

Para Esteve (1999), alguns fatores incidem diretamente sobre a ação docente, como, por exemplo, falta de recursos materiais e condições de trabalho, a violência nas instituições escolares, o esgotamento docente e a acumulação de exigências sobre o professor, o que pode afetá-lo de forma negativa, pois ele não sabe como lidar com essa situação. A esse respeito, Codo (1999) acrescenta que os professores aprenderam que existe um déficit de infraestrutura nas escolas e que muitos recursos que são necessários estão ausentes, sendo que essa situação de falta lhes exige maior esforço e maior empenho para que possam realizar um bom trabalho.

Os professores, por sua vez, têm encontrado dificuldades em enfrentar essa situação, pois não dispõem de recursos necessários para enfrentar essas novas mudanças (WEBER, 2009). Apesar da dedicação ao realizar o trabalho, os professores acabam percebendo que seus esforços, muitas vezes, não são suficientes para alcançar os resultados esperados, o que acaba por tornar essa situação muito estressante.

E diante das inúmeras dificuldades enfrentadas, as doenças ocupacionais começam a aparecer, muitas das vezes sem que o próprio trabalhador consiga perceber; quando nota que algo não está bem, o docente já está afetado. Nesses casos, reconhecem-se as primeiras consequências das doenças ocupacionais. Conforme esclarecem Esteve (1999) e Weber (2009), o absenteísmo é uma das mais frequentes, pois é uma forma de o professor aliviar a tensão provocada pelo trabalho, mesmo que de forma momentânea. Além das faltas ao trabalho, outras consequências são observadas em profissionais que estão sendo afetados pelo mal-estar docente, entre elas, irritabilidade, cansaço físico e mental, depressão e diminuição na qualidade do ensino.

Existem muitos fatores que estão relacionados com esse quadro de adoecimento, podemos citar a desvalorização profissional, baixos salários, pois muitos professores precisam trabalhar em mais de uma escola para poder complementar a renda, o aumento das funções e atividades docentes, pois os professores têm que atender os pais, os alunos, corrigir atividade, participar de reuniões, entre tantas outras tarefas desempenhadas dentro e fora e sala de aula. Esse excesso de carga de trabalho eleva o nível de estresse trazendo consequências negativas.

O mal-estar docente não traz consequências somente para o profissional acometido por ele, mas também para todo o corpo escolar, como os alunos que sofrem com os absenteísmos frequentes dos professores, gerando prejuízos à realização de uma educação de qualidade.

Um aspecto importante a ser esclarecido refere-se à diferença entre estresse e *burnout*. Este último “é a resposta do organismo a um estado prolongado de estresse, tornando-se crônico e têm sempre aspectos negativos, já o estresse ele pode ter aspectos positivos e negativos” (BENEVIDES-PEREIRA, 2002, p. 45). O estresse é uma resposta do nosso organismo a um agente estressor, ou seja, a reação do nosso organismo frente a uma situação, o estresse pode nos trazer reações tanto positiva quanto negativas, podemos usar aquela situação para melhorar as nossas ações futuras, como podemos levar para o lado negativo e essa situação causar mudanças ansiedade, nervosismo. Já o *burnout* tem sempre aspectos negativos, pois o mesmo traz somente consequências ruins, como o desgaste físico e psicológico do profissional acometido por ele.

AS DIMENSÕES QUE INTEGRAM O BURNOUT: EXAUSTÃO EMOCIONAL, DESPERSONALIZAÇÃO E BAIXA REALIZAÇÃO PESSOAL NO TRABALHO

A síndrome de *burnout* é desenvolvida por aqueles profissionais que estão envolvidos emocionalmente com o público alvo do seu trabalho, pois o desgaste diário causa uma tensão emocional muito grande neste profissional. Por ter fatores distintos, envolvido no desenvolvimento da síndrome, ela é entendida como um conceito multidimensional que engloba três componentes: exaustão emocional, despersonalização e envolvimento pessoal no trabalho (CARLOTTO, 2002; CARLOTTO; PIZZINATO, 2013; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005). Por ter fatores distintos envolvidos no desenvolvimento da síndrome, ela é entendida como um conceito

multidimensional que engloba três componentes são eles: a exaustão emocional, que é o esgotamento da energia e dos recursos emocionais próprios, devido ao contato diário com os problemas; neste caso, a pessoa sente que não pode mais dar nada de si mesma; já a despersonalização, é quando o profissional desenvolve sentimentos e atitudes muito negativas e de cinismo frente às pessoas destinatárias do trabalho, podendo gerar endurecimento afetivo; a terceira, e última dimensão, é a falta de realização profissional e quando se manifesta sentimentos de falta de realização pessoal no trabalho, o trabalhador passa a se auto avaliar de forma negativa.

Diante desses componentes o que se diz é que o professor, acometido pelo *burnout*, deixa de dar a assistência necessária aos seus alunos, os tratam friamente, torna-se irritado, não se envolve efetivamente com os problemas diários, o que o leva a quadros de ansiedade, depressão, dificuldades na partilha do conhecimento, passando a prejudicar os alunos.

Em estudos realizados com professores, em diferentes regiões do país, foi constatado que ainda há divergências quanto a idade e aos anos de docência associados ao *burnout*, pois alguns estudos apresentam que quanto maior a idade dos docentes e a experiência profissional maior o nível de *burnout* (CARLOTTO, 2011). Já outros estudos apontam que quanto mais novos e menor o tempo de experiência profissional mais acometido com a síndrome, pois esses profissionais geram expectativas maiores em relação a profissão (ABRANTES; SANTOS; RIGOLON, 2014).

Outros fatores que também são de grande relevância para o desenvolvimento de mal-estar são os baixos salários, excessivo número de alunos, excesso de obrigações a serem desempenhadas, tanto dentro como fora de sala, que contribuem para um elevado número de professores doentes e, em consequência, muitas ausências durante o ano letivo.

Em estudo realizado por Carlotto (2010) verificou que no ensino fundamental quanto maior a carga horária, e o tempo de exercício profissional, maior é o desgaste emocional sofrido pelo professor. Este mesmo estudo mostra que professores que atuam com crianças apresentam menores índices de *burnout*, quando comparados com o nível médio e superior, pois a pressão sofrida pelo professor que atende crianças é muito menor. A literatura também apresenta que os baixos salários, excessivo número de alunos, excesso de obrigações a serem desempenhadas tanto dentro como fora de sala, contribuem para um elevado número de professores doentes e em consequência muitas ausências

durante o ano letivo (CARLOTTO, 2002; LEVY; SOBRINHO; SOUZA, 2009). Diante do exposto, verificamos que alguns fatores incidem diretamente sobre a atividade laboral do professor, causando estresse o que pode levar ao desencadeamento da síndrome de *burnout*.

OS ESTUDOS SOBRE BURNOUT DOCENTE: O QUE NOS DIZEM AS PESQUISAS NA ÁREA

A síndrome de *burnout* é considerada uma questão de saúde pública devido ao número cada vez maior de profissionais afetados por ela, o que causa repercussões na saúde física e mental de seus portadores.

Diante disso, vários autores como Codo (1999), Giovanetti (2006), Pereira (2011), Bastos (2009), Carlotto (2010) e Carlotto e Pizzinato (2013) citam os efeitos adversos da síndrome de *burnout*, dentre eles podemos citar a ansiedade, irritabilidade, diminuição da qualidade pedagógica do trabalho docente, cansaço, esgotamento emocional e afetivo, pensamentos de abandono da profissão, pois é uma forma de escapar de toda essa tensão vivida no dia a dia do seu trabalho.

A síndrome de *burnout* não está somente relacionada com os professores da educação básica, afeta também professores universitários, profissionais da saúde e funcionários de instituições penitenciárias, ou seja, a síndrome desenvolve-se principalmente com os profissionais que trabalham diretamente com o público. Em estudo realizado por, Benevides-Pereira com diferentes e variadas categorias profissionais como: professores, médicos, enfermeiros, bancários, bombeiros, guardas municipais, agentes penitenciários, trabalhadores com saúde mental, motoristas e cobradores de ônibus e outras profissões, em todas foi constatada, em menor ou maior grau, a incidência da síndrome de *burnout*.

As causas para o desenvolvimento são os mais distintos, podemos citar a ausência de reconhecimento, baixos salários, sobrecarga de trabalho, desvalorização profissional, violência, todos esses fatores levam os professores a abandonarem a profissão, tratar os alunos com frieza e distanciamento, pois sentem que seu trabalho é desprestigiado socialmente.

E os sintomas de todo esse estresse é sentido tanto em seu corpo como em seu psicológico, o profissional passa a sentir dores de cabeças intensas e diárias, insônia,

sentem-se cansados tanto fisicamente quanto mentalmente, ficam nervosos com facilidade, depressivos, podemos perceber que os sintomas são os mais diversos. Com esse quadro de adoecimento é importante que sejam adotadas medidas preventivas que visem ao controle desse quadro, medidas que efetivamente tragam benefícios para saúde do professor.

O *Burnout* pode ser prevenido, porém o conhecimento é um fator muito importante. Benevides-Pereira (2009) afirma que atualmente a execução dos programas preventivos nas organizações tem sido escassa, prevalecendo os programas de tipo interventivos. Devem ser adotadas políticas públicas que visem à melhoria das condições de trabalho. Outra Possibilidade é que os professores tenham acesso a uma formação continuada, para que os mesmos possam se qualificar para atender as nossas exigências da modernidade, visando à melhoria do desenvolvimento do seu trabalho. Um bom relacionamento com os colegas de trabalho, direção, pais e alunos, o reconhecimento pelo trabalho realizado também pode proporcionar prazer e bem-estar, pois diminui os níveis de exaustão emocional, pois o mesmo percebe que o trabalho desenvolvido por ele é valorizado.

Conforme as pesquisas foram sendo desenvolvidas, foram criados instrumentos cientificamente validados para investigar este sentimento crônico de desânimo, apatia e despersonalização. Nessa direção, os psicólogos Christina Maslach e Susan Jackson criaram o *Maslach Burnout Inventory (MBI)*. O MBI é o instrumento mais utilizado e vem sendo empregado em todo o mundo, sendo mais de 25 anos desde sua publicação inicial. O MBI é um questionário de auto informe, que se utiliza de uma escala de 7 pontos, iniciando em “0”, “como nunca”, até “6”, “como todos os dias”. De seus 22 itens, nove são da dimensão Exaustão Emocional (EE), cinco da Despersonalização (DE) e oito da Realização Profissional (RP). Considera-se que uma pessoa sofre *Burnout* quando revela altas pontuações em EE e DE e baixos valores em RP (Demeneck; Kurowski, 2011). O inventário tem sido utilizado em todo o mundo em pesquisas para avaliação do burnout.

O inventário avalia como o trabalhador vivencia o seu trabalho cotidianamente de acordo com as três dimensões citadas anteriormente e, em muitos estudos feitos no Brasil como em outros países, os pesquisadores concluíram que o inventário possui alta fidedignidade, o que demonstra que ele tem a capacidade de medir a síndrome de *burnout*. De acordo com os estudos realizados em diferentes países, as diferenças culturais também

têm muita influência no que diz respeito como a síndrome se apresenta, entretanto, nas diferentes realidades estudadas, o MBI apresentou uma escala válida e fidedigna na avaliação da síndrome de burnout em estudos realizados por Carlotto e Câmara (2004) com 563 professores que atuavam em instituições particulares de ensino fundamental médio e superior na região metropolitana de Porto Alegre-RS, verificou-se que a versão brasileira do MBI apresenta os requisitos necessários em termos de consistência interna e validade fatorial para ser amplamente utilizada na avaliação da síndrome de burnout em nossa realidade.

Pires, Monteiro e Alencar (2012) realizaram estudos para mensurar as dimensões do *burnout* em professores de Educação Física e comparar os índices entre os gêneros e também entre docentes já formados e em processo de formação. Na amostra pesquisada, foi empregado o MBI e os resultados encontrados foram valores intermediários das dimensões do *burnout*, já as diferenças de gêneros não foram significativas ao passo que os professores formados apresentaram maior valor de exaustão emocional. O estudo mostrou que há uma maior possibilidade de desenvolvimento de *burnout* em professores com formação superior.

Estudo realizado por Simões (2014) teve o objetivo de avaliar aspectos da saúde e do trabalho dos professores da rede pública usuário de um hospital público de um município de São Paulo. Os resultados indicaram associações entre o número de alunos atendidos e a situação funcional como, por exemplo, a carga de trabalho semanal, se o professor é do quadro ou temporário, entre outras, e também associações entre o sentimento de realização profissional. A avaliação mostrou que os problemas de saúde enfrentados pelos docentes estavam ligados a atividade laboral, relacionados a agressões no ambiente escolar, ou até mesmo conhecer professores vítimas de agressões. O MBI apontou que, pelo menos, 76,31% da amostra estava com alto índice de *burnout*.

Em estudos realizados por Souza, Trigueiro, Almeida e Oliveira (2010), com estudantes do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde o principal objetivo era identificar as três dimensões da síndrome e estabelecer a correlação entre os fatores da síndrome e as variáveis sócio-demográficas e acadêmicas. Para obtenção dos dados, foi utilizado MBI-SS (*Maslach Burnout Inventory – Student Survey*). Os resultados apontaram relações significativas entre as variáveis sócio demográficas e acadêmicas com as dimensões da síndrome de *burnout*.

Estudo qualitativo realizado por Carlotto e Pizzinato (2013) com professores do ensino fundamental buscou identificar o conhecimento, os sintomas, o processo e as consequências da síndrome de *burnout* entre os docentes. Os resultados indicaram que os professores participantes têm conhecimento da síndrome e também algumas distorções ao identificá-la como depressão. Apontam como sintomas aspectos comportamentais e físicos; e como determinantes assinalam as características pessoais do professor, as condições e organização de seu trabalho e a falta de recompensas. Quanto ao processo, referem ser lento e que culmina na incapacidade total de executar adequadamente sua função. Como ações, sugerem acompanhamento pessoal, mudanças organizacionais e sociais.

OBJETIVOS

Geral:

- Investigar a percepção de professores do ensino fundamental e médio acerca do mal-estar docente e suas causas.

Específicos:

- Explorar as percepções dos professores sobre saúde e doença.
- Conhecer as opiniões dos professores sobre a relação entre adoecimento docente e a qualidade da educação.
- Identificar se os professores conhecem medidas preventivas e/ou tipos de apoio para situações de adoecimento psíquico.
- Identificar, segundo as percepções dos professores, quais os principais sintomas do mal-estar docente.

METODOLOGIA

Para compreender a perspectiva dos professores sobre o mal-estar docente, será utilizada uma abordagem qualitativa de pesquisa que, segundo Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Por meio da pesquisa

qualitativa, o objetivo é conhecer o que os entrevistados pensam a respeito do assunto, isto é, do mal-estar docente. Assim, ela é adequada para investigar percepções gerais e abrir espaço para a interpretação, permitindo ao participante ter liberdade de expressar sua opinião, de acordo com o foco da investigação (GUNTHER, 2006).

- **Participantes:** Participaram dessa pesquisa oito professores de escolas públicas de Planaltina-DF, os quais atuam nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio.
- **Instrumentos e materiais:** Para conhecer a percepção dos professores sobre o adoecimento psíquico, as causas e sintomas relacionados, foi elaborado um roteiro de entrevista a partir da literatura estudada sobre o mal-estar docente. O roteiro de entrevista está em anexo (Apêndice 1).
- **Procedimentos de construção de dados:** Inicialmente, a pesquisadora procurou os professores da rede pública de ensino de Planaltina-DF para convidá-los a participar da pesquisa. Explicou os objetivos do estudo a ser desenvolvido e os convidou, individualmente, a participar. Após concordarem com a participação, foi marcado um dia, horário e local para realização da entrevista individual. Antes da entrevista, foi solicitado o consentimento dos professores, os quais assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) (Apêndice 2) com todos os esclarecimentos sobre a pesquisa. Para registro da entrevista, foi utilizado um gravador de áudio.
- **Procedimento de análise de dados:** Este estudo teve um caráter qualitativo e buscou, por meio da análise temática, inspirada em Bardin (1977), compreender as percepções dos professores participantes sobre o mal-estar docente. Assim, a análise dos dados iniciou pela transcrição literal das entrevistas, seguida de leitura das mesmas. Na sequência, partindo do roteiro de entrevista, foram selecionados, em cada questão, os trechos que mais respondiam as questões temáticas de interesse. Esse processo foi feito para cada uma das entrevistas. Posteriormente, os trechos de cada entrevistado foram agrupados por questões, de modo a obter uma visualização ampliada das respostas a cada uma das questões que compunham o roteiro. Finalmente, seguiu-se a análise e discussão das respostas, em conjunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados e discutidos de acordo com as categorias temáticas definidas. As respostas dos participantes serão utilizadas para ilustrar suas percepções sobre o tema investigado.

O estudo contou com seis participantes do gênero feminino e dois do gênero masculino, com idade média de 36 anos, todos com curso de graduação e a maioria (6) com curso de pós-graduação. O tempo médio de formação dos participantes é de 11 anos e o tempo de atuação profissional no magistério é de, aproximadamente, 10 anos. A Tabela 1, sintetiza informações relacionadas aos professores participantes do estudo.

Tabela 1 - Dados pessoais dos professores

	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8
Idade	36 anos	28 anos	48 anos	38 anos	35 anos	35 anos	24 anos	44 anos
Sexo	M	F	M	F	F	F	F	F
Estado Civil	Casado	Casada	Divorciado	Solteira	Solteira	Viúva	Casada	Casada
Área de Formação	Artes Plásticas	Letras/Português	História	Letras\Português	Ciências Biológicas	Licenciatura em Biologia	Letras/Português	Geografia
Tempo de formação	12 anos	3 anos	20 anos	11 anos	6 anos	15 anos	2 anos	20 anos
Pós Graduação	Educação especial	Orientação Educacional	História Cultural	Orientação Pedagógica	Não	Mestrado em Ensino Ciências	Não	Meio Ambiente
Tempo de magistério	14 anos	7 anos	16 anos	9 anos	5 anos	7 anos	1 ano	20 anos
Tempo nessa escola	9 anos	6 meses	1 ano	3 meses	2 anos	7 anos	1 ano	16 anos
Nível que leciona	EM	EF	EF	EF	EF	EM	EM	EF
Nº escolas em que trabalha	1	1	1	1	1	2	1	1

Em relação ao que mais proporciona satisfação em ser docente, ou seja, o que mais gosta ou aprecia no trabalho, as respostas dos professores apontam para a satisfação em ver a aprendizagem dos alunos e a evolução deles, alcançando as metas traçadas, bem como quando constatarem que o trabalho docente está contribuindo para mudar a realidade dos alunos e para a formação de cidadãos. Sobre a satisfação com a aprendizagem e as conquistas dos estudantes referem:

“É bom quando os alunos conseguem atingir as metas, quando eles conseguem aprender” (P2)

“O que mais eu gosto é ver a evolução dos meus alunos e isso me dá uma satisfação muito grande” (P5)

“Quando eu vejo que o aluno está aprendendo” (P5)

Como podemos perceber, para alguns professores, a aprendizagem é a principal razão de escolha da profissão e, conseqüentemente, uma das principais causas de satisfação no trabalho (CARLOTTO; PIZZINATO, 2013).

Já em relação aos aspectos que geram insatisfação entre os docentes, as respostas foram bastante variadas. Apontaram: o descaso com a educação pública e a desvalorização da profissão docente, a falta de respeito e de companheirismo entre os colegas de trabalho, a falta de respeito por parte dos alunos, a falta de acompanhamento dos pais, a desmotivação, barulho excessivo na escola, burocratização dos processos, falta de material e de recursos para as atividades, excesso de cobrança e a exaustão decorrente da carga de trabalho, pouca flexibilidade relativa à carga de trabalho, além da insegurança.

“O que eu menos gosto no meu trabalho, muitas vezes estão relacionadas com a falta de companheirismo entre colegas, recurso também que é falho” (P5).

“É a burocratização das coisas, falta de material, falta de recursos para ensinar e a exaustão da carga de trabalho, cargas de trabalho pouco flexível” (P7).

É de salientar que os aspectos mencionados pelos professores participantes desse estudo coincidem, justamente, com as causas apontadas por vários autores como sendo as principais causas para o desenvolvimento do mal-estar docente (BASTOS, 2009; CODO, 1999; CARLOTTO, 2010; ESTEVE, 1999; PIZZINATO, 2013; GIOVANETTI, 2006; PEREIRA, 2011). Segundo Codo (1999), por exemplo, a ausência de recursos demanda maior esforço no trabalho por parte dos professores, os quais acabam por ter maior quantidade de tarefa a serem desempenhadas, o que conseqüentemente compromete a qualidade do ensino.

Também nessa direção Simões (2014) avaliou aspectos da saúde e do trabalho dos professores da rede pública em São Paulo e identificou, a partir da opinião dos docentes,

associações entre o número de alunos, experiências de agressões no ambiente escolar e também associações com o sentimento de realização profissional. Um bom relacionamento com os demais atores do contexto de trabalho e o reconhecimento pelo trabalho realizado tem a capacidade de proporcionar prazer e bem-estar e diminuir os níveis de exaustão emocional. A literatura apresenta que o sentimento de desvalorização sentido pelo professor em virtude dos baixos salários, excessivo número de alunos e de obrigações a serem desempenhadas contribuem para gerar processos de adoecimento (CARLOTTO, 2002; LEVY; SOBRINHO; SOUZA, 2009).

Quando pergunto aos professores como eles percebem, hoje, a função docente na sociedade, as respostas foram diversificadas. Por exemplo, cinco professores citaram a desvalorização, como ilustram os trechos a seguir:

“Isso, ela é uma profissão desvalorizada” (P6).

“A princípio precisava ser melhor valorizada. Acho que não há um reconhecimento de fato da função do professor, do trabalho dele” (P3).

“Especificamente no Brasil o magistério nunca foi tão desvalorizado e o professor está sendo marginalizado pelos nossos governantes” (P4).

Uma questão muito apontada pelos professores foi a questão da desvalorização do magistério, evidenciada pela falta de incentivos e investimento do governo para se ter uma educação de qualidade, e uma das causas muito apontada pelos docentes é a questão da desvalorização do trabalho desempenhado por esses professores o que vai ao encontro com outros estudos, como de Mariano e Muniz (2006), Vieira, Gonçalves e Martins (2016).

Em relação a experiências de afastamento por licença médica, readaptação ou desvio de função ao longo do tempo de magistério, apenas uma participante mencionou que solicitou afastamento por questão de saúde relacionada ao trabalho: “Eu já pedi, assim, tipo por dias só, por depressão, eu tenho enxaqueca crônica e acredito que essa profissão agravou” (P1). Apesar de um dos docentes ter comentado que em muitas escolas, a depender do fluxo dos estudantes, os professores pegam atestado todo bimestre, a maioria dos participantes indicou que nunca se afastou por questão de saúde ligada ao trabalho.

Por outro lado, quando perguntados se já pensaram em desistir do magistério, quatro participantes responderam positivamente, enquanto outros quatro participantes responderam que nunca pensaram em desistir do magistério.

“Nunca pensei, porque eu não sei fazer outra coisa” (P3).

“Já, muitas vezes, porque você sai exausto” (P4).

Como apontado em estudos de Esteve (1999), uma das principais consequências do mal-estar docente é o desejo de abandonar a profissão, pois para os professores deixar o magistério seria uma forma de alívio de toda a tensão acumulada.

Interessante observar que entre os quatro docentes que informaram já ter pensado em abandonar a profissão docente, a saber, P2, P4, P7 e P8, existe grande variabilidade em termos de idade, tempo de formação e também de tempo de experiência no magistério, variando de 24 a 44 anos de idade, 3 a 20 anos de formação e de 1 a 20 anos de experiência. Desse modo, entre os participantes desse estudo, não é possível indicar que exista um perfil mais propenso ao *burnout*, diferente do que foi encontrado por Carlotto (2011), que apontou que quanto maior a idade dos docentes e a experiência profissional maior o nível de *burnout*, ou mesmo o encontrado por Abrantes et.al, (2014) que quanto mais novos e menor o tempo de experiência profissional, mais acometido com a síndrome. Os dados do presente estudo indicam que ainda não é possível afirmar que a síndrome de *burnout* acometa professores específicos, muito ao contrário, todos estão sujeitos ao adoecimento.

Em relação ao fato de conhecerem ou não a síndrome de *burnout* ou mesmo se já ouviram a expressão mal-estar docente ou *burnout*, cinco professores responderam que nunca tinham ouvido falar.

“Para ser sincero eu não conhecia, desconhecia” (P8).

“Estou ouvindo você falar agora” (P3).

Tendo em vista que a maioria dos participantes respondeu que desconhecia a síndrome, a pesquisadora fez um breve esclarecimento a cada um deles e, na sequência, retomou a pergunta se conheciam o mal-estar docente. A partir de então, apenas dois professores não souberam explicar o que seria e nem mesmo a associaram com algo que já conheciam: “Pois é, eu não consegui, mesmo participando de algumas pesquisas nessa

área eu não consegui formular um conceito, eu não tenho nenhuma noção a respeito dessa síndrome especificamente” (P6).

Nesse estudo, assim como em resultados encontrados por Carlotto e Pizinatto (2013) com professores do ensino fundamental, os professores participantes conhecem a síndrome e, ao mesmo tempo, apresentam algumas distorções, identificando-a com outras doenças distintas. Cabe destacar que, conforme já mencionado por Benevides-Pereira (2009), o desconhecimento a respeito do *burnout* pouco auxilia no seu enfrentamento nas instituições. Ter informações sobre a doença e possíveis estratégias/recursos de como enfrentá-la são fundamentais.

A síndrome de *burnout* é um conceito multidimensional que engloba três componentes conectados: a exaustão emocional ou esgotamento, a despersonalização e sentimentos e atitudes negativas frente às pessoas e a falta de realização profissional (CARLOTTO, 2002; CARLOTTO; PIZZINATO, 2013; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005). Cada pessoa a vivencia de maneira específica, uma vez que os efeitos adversos são variados.

Após terem sido esclarecidos sobre as características do mal-estar docente, foi-lhes perguntado se já tinham vivenciado o mal-estar docente em algum momento da sua trajetória profissional. A esse respeito, cinco participantes disseram já terem vivenciado o mal-estar.

“Pelo pouco conhecimento que eu tenho, eu acho que até sim”
(P6)

“Bom, nossa já, várias vezes” (P5).

Quando perguntados a respeito dos motivos que levam os professores ao adoecimento, vários foram os fatores apresentados, dentre eles a sobrecarga de trabalho, o estresse, a falta de reconhecimento, o desinteresse dos alunos, a falta da presença dos pais na vida escolar dos alunos.

“Eu acho que a carga de trabalho exaustiva” (P7).

“Nossa profissão ela é de certa forma estressante” (P8).

“O não reconhecimento, a falta da presença da família da criança, os alunos não têm interesse, a questão dos próprios colegas de profissão que não ajudam, às vezes algumas direções que você encontra, assim, eles querem resultados, eles querem notas, mas

eles não querem a aprendizagem dos mesmos, pra mim esses são os fatores” (P2)

Quando levamos em consideração os motivos apresentados pelos professores deste estudo, verificamos que os resultados obtidos vão ao encontro com outros estudos já realizados, como, por exemplos, Carlotto (2003), Esteve (1999), Lapo e Bueno (2003).

Quando perguntado o que era saúde e o que era doença, todos os participantes apresentaram alguma compreensão sobre cada um dos conceitos, conforme a seguir:

“Saúde é estar bem com tudo. Doença é uma coisa ruim” (P1).

“Saúde é um bem-estar pessoal em que há a ausência de dor, ausência de um mal-estar, tanto físico quanto psicológico, você está se sentindo bem. Doença é um mal-estar constante, você estar sempre cansado, a mente sempre agitada, para mim a pessoa desse jeito já está doente, e isso é 90% professores” (P4).

Os professores, em geral, referem-se à saúde como positiva e à doença como algo negativo, e compreendem a saúde pela ausência de doença, justamente contrário ao que diz a OMS (Organização Mundial da Saúde): saúde é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afeições e enfermidades” (OMS, 1946).

Tanto a noção de saúde quanto a de doença não representam o mesmo significado para todas as pessoas e estão relacionadas à época, ao lugar, dependem de valores individuais e de concepções. Mas, de toda forma, a dimensão psíquica da saúde vem ganhando cada vez mais importância pelo entendimento de que a pessoa é um todo integral.

Já quando perguntado sobre a relação existente entre o adoecimento docente e a qualidade da educação, todos concordaram que existe uma relação.

“Nossa é uma relação extremamente íntima, não tem, não tem como se falar em qualidade de educação sem o professor está bem” (P7).

Aspecto de extrema importância é que o professor acometido pelo *burnout* deixa de dar a assistência necessária aos seus alunos, tratando-os de forma fria, distante, negativa, além de tornar-se irritado e se afastar cada vez mais dos problemas escolares diários. Assim, o mal-estar docente não afeta apenas o profissional, mas também o corpo

escolar justamente pelo fato de que o *burnout* ocorre principalmente entre trabalhadores que lidam diretamente com pessoas, como é o caso dos professores (BENEVIDES-PEREIRA, 2002; CODO, 1999). Por essas razões é que se diz que o mal-estar docente está relacionado à qualidade da educação, não podendo ser negligenciado.

Em relação ao conhecimento de medidas preventivas e/ou algum tipo de apoio para situações de adoecimento no/pelo trabalho, sete professores disseram não conhecer essas medidas; apenas um disse saber que existe algum programa institucional, entretanto, ao longo de sua experiência profissional de 16 anos, nunca teve acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto pelos professores entrevistados e da literatura pesquisada, acredita-se que o objetivo proposto nesse estudo foi alcançado, pois a maioria dos professores conhece sobre a temática e consegue identificar os vários fatores geradores de mal-estar como por exemplo, estresse, cansaço, falta de apoio dos pais, excesso de funções a serem desempenhadas, baixos salários, enxaqueca, entre outros fatores apontados, o que vai ao encontro com os fatores apontados pela literatura pesquisada.

Vários foram os desafios encontrados no decorrer da pesquisa, entre eles conseguir convencer os professores da importância de se participar da pesquisa, pois quando falava sobre a temática em questão os professores ficaram receosos, não queriam participar, tinham receio de serem diagnosticados com a síndrome. Mas, apesar de todos os percalços, foi uma pesquisa exitosa, a entrevista foi uma boa escolha, pois com ela foi possível obter informações que foram muito além do que foi perguntado.

E depois de concluir este trabalho percebi que é uma temática de grande relevância, pois percebi que muito pouco ou quase nada é abordado nas escolas sobre o mal-estar, então vejo que é muito importante que possamos desenvolver projetos nas escolas, como, por exemplo, fazer rodas de discussão da temática, levar panfletos informativos que, mostrem maneiras de se prevenção, como identificar a síndrome e os tratamentos possíveis, assim os professores poderão lidar melhor com essa síndrome e consequentemente poderão preveni-la.

Vários são os atores que devem ser envolvidos, como os próprios professores, direção, governos e toda a comunidade escolar, quando se fala em prevenção do mal-estar

docente, por isso a educação em saúde é uma estratégia muito boa para se prevenir doenças e promover saúde, por isso deve estar voltada para o cotidiano dos envolvidos, valorizando suas experiências, sempre levando em consideração a realidade dos envolvidos para que se possa modificar as más condutas e prevenir doenças.

E é através dessas estratégias e ações de promoção a saúde que será possível levar informações aos professores sobre as causas do adoecimento, sobre como preveni-lo e até mesmo sobre os tratamentos possíveis aos docentes acometidos pelo mal-estar docente. É necessário que os docentes conheçam as causas que os levam a ficar doentes, para que possam saber identificar quando algo não vai bem.

Também não se deve levar em consideração somente o mal-estar físico, aquele que é sentido pelo nosso corpo, mas também deve-se levar em consideração a saúde mental, como é o caso dos professores que estão acometidos com a síndrome de *burnout*, pois muitos desenvolvem depressão, problemas de ansiedade e tantos outros sintomas difíceis de serem identificados e conseqüentemente retardam o tratamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, Alberto Esteves-Ferreira; SANTOS, Douglas Elias; RIGOLON, Rafael Gustavo. *Avaliação comparativa dos sintomas da síndrome de burnout em professores de escolas públicas e privadas*. Revista Brasileira de Educação v. 19, n. 59, 2014.
- ALCÂNTARA, Manoela. *No DF, professores entraram com 29,3 mil atestados e licenças em 2016*. Jornal Metrópoles, Brasília-DF, 12 de março, 2017. Disponível em <http://www.metropoles.com/distrito-federal/educacao-df/no-df-professores-entraram-com-293-mil-atestados-e-licencas-em-2016>. Acessado em 25/04/2017
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTOS, Josane Aparecida Quintão Romero. *O mal estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Mestrado em Educação. Belo Horizonte, 2009.

- BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria. T. *Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. (2001). *Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília, DF:
- CARLOTTO, Mary Sandra. *A síndrome de burnout e o trabalho docente*. Psicologia em Estudo, vol. 7, n. 1, pp. 21-29, 2002.
- CARLOTTO, Mary Sandra. *Síndrome de Burnout: diferenças segundo níveis de ensino*. Psico, v. 41, n. 4, pp. 495-502, 2010.
- CARLOTTO, Mary Sandra. *Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 27, n. 4, p. 403-410, 2011.
- CARLOTTO, Mary Sandra; CAMARA, Sheila Gonçalves. *Análise fatorial do Maslach Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares*. Psicologia em Estudo, v. 9, n. 3, p. 499-505, 2004.
- CARLOTTO, Mary Sandra, PIZZINATO, Adolfo. *Avaliação e Interpretação do Mal-estar Docente: um estudo qualitativo sobre a síndrome de burnout*. Revista Mal-Estar e Subjetividade, v. 13, n. 1-2, p. 195-220, 2013.
- CODO, Wanderley. *Educação: Trabalho e carinho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DEMENECK, Voni Antônio; KUROWSKI, Cristina Maria. *Síndrome de burnout: ameaça da saúde mental do trabalhador*. FAE Centro Universitário, Núcleo de Pesquisa Acadêmica – NPA, p. 503-518, 2011.
- ESTEVE, José Manuel. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 1996
- GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. *O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde*. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.
- GIOVANETTI, Rodrigo Manoel. *Saúde e apoio social no trabalho: estudo de caso de professores da educação básica pública*. Universidade de São Paulo, Mestrado em Saúde Pública. São Paulo, 2006.

GÜNTHER, Hartmut. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?* Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 22, n. 2, pp. 201-210, 2006.

LEVY, Gisele Cristine Tenório de Machado; NUNES SOBRINHO, Francisco de Paula; SOUZA, Carlos Alberto Absalão. *Síndrome de Burnout em professores da rede pública*. Production, v. 19, n. 3, p. 458-465, 2009.

MARIANO, S. Maria; MUNIZ P. Helder. *Trabalho docente e saúde: o caso dos professores de segunda-fase do ensino fundamental*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, ano 6, n.1, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

OMS. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) – 1946

Disponível em: < <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html> > acessado em: 20.04.2018

PEREIRA, Flaviane Farias Sudário. *Indicadores de mal-estar docente em escolas públicas municipais de Salvador*. Universidade Federal da Bahia, Mestrado em Educação. Salvador, 2011.

PIRES, Daniel Alvaréz; MONTEIRO, Paulo Augusto Pimentel; ALENCAR, Diego Rodrigues. *Síndrome de burnout em professores de Educação Física da região nordeste do Pará*. Pensar a Prática, v. 15, n. 4, p. 948-965, 2012.

SIMÕES, Elaine Cristina. *Investigação de esgotamento físico e emocional (burnout) entre professores usuários de um hospital público do município de São Paulo*. Universidade de São Paulo, Mestrado em Ciências. São Paulo, 2014.

SOUZA, Rayssa Soares; TRIGUEIRO, Renata Paula Costa; ALMEIDA, Tatiane Nunes Viana; OLIVEIRA, José Arimátes. *A Pós-Graduação e a Síndrome de Burnout: Estudo com alunos de Mestrado em Administração*. RPCA - Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 12-21, 2010.

VIEIRA, Jarbas Santos; GONÇALVES, Vanessa Bugs; MARTINS, Maria de Fátima Duarte. *Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul*. Trab. Educ. Saúde, v. 14 n. 2, p. 559-574, 2016.

WEBER, Sueli W. *Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e o bem-estar dos professores que trabalham com EAD*. Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Doutorado em Educação. Porto Alegre,
2009.

APÊNDICE 1

Roteiro de entrevista

Dados Pessoais

1. Idade:
2. Sexo:
3. Estado Civil:
4. Área de Formação:
5. Tempo de formação:
6. Cursou Pós Graduação? Qual(quais) área(s)?

Dados Profissionais

1. Tempo de exercício do magistério:
2. Há quanto tempo trabalha nesta escola?
3. Nível de ensino e séries que leciona:
4. Número de escolas em que trabalha:

Questões temáticas

1. O que mais lhe proporciona satisfação em ser docente? O que você mais gosta ou aprecia no seu trabalho?
2. E no que se refere à insatisfação? O que você menos gosta ou aprecia no seu trabalho?
3. Como você percebe, hoje, a função docente diante da sociedade como um todo?
4. Ao longo de sua experiência docente, você já esteve readaptado, em desvio de função ou em licença médica? Já pediu algum tipo de afastamento? Por quais fatores? Quantas vezes?
5. Você já pensou seriamente em desistir de lecionar? Justifique.
6. Você já ouviu alguma vez a expressão mal-estar docente ou o termo em inglês *burnout*?
7. Para você, o que é mal-estar docente?
8. Você acredita já ter vivenciado, em algum momento da sua trajetória profissional, o mal-estar docente? Se positivo, em que situação?
9. Na sua opinião, quais os principais motivos que levam um professor ao adoecimento?
10. Para você, o que significa saúde? E o que significa doença?
11. Você acredita que existe relação entre adoecimento docente e a qualidade da educação? Justifique.
12. Você conhece medidas preventivas e/ou algum tipo de apoio para situações de adoecimento no/pelo trabalho?

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Para professores participantes

Eu, Carolina Texeira das Dôres, estudante de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina-FUP, estou realizando uma pesquisa, com a orientação da Professora Cynthia Bisinoto, que tem por objetivo investigar a percepção de professores das séries finais do ensino fundamental acerca do mal-estar docente.

Para coleta dos dados, faremos uma entrevista com oito perguntas norteadoras para os professores participantes. Para registro dos dados, utilizaremos gravações feitas em celular, caso os professores permitam registrar sua voz. O uso desses instrumentos é essencial, pois a comunicação é um processo muito dinâmico e variável.

O uso posterior desses dados será restrito ao estudo e divulgação científica e/ou formação de professores.

O nome dos professores participantes não será divulgado em hipótese alguma. Garantimos o sigilo das informações e sobre tudo o que disserem.

Se tiver dúvidas sobre a pesquisa, contate-nos:

Carolina Texeira das Dôres
Aluna de Graduação do curso Ciências Naturais
E-mail: carol.t.dores@gmail.com

Cynthia Bisinoto Evangelista de Oliveira
Professora Doutora da Faculdade UnB Planaltina
OrientadorA
E-mail: cynthia@unb.br

Participante da Pesquisa